

## UMA PEDAGOGIA DO CORPO NA TV: O PROGRAMA BEMSTAR

Mônica Benfica Marinho

### RESUMO

O presente trabalho discute as representações das práticas corporais relacionadas à saúde e à beleza veiculadas pelas mídias. Busca compreender como as estratégias representacionais operam na produção de uma pedagogia corporal e participam na construção da significação do corpo. Aborda o processo de transformação das significações do corpo ao longo da história, e a participação da mídia nesse processo. Esboça procedimentos iniciais de análise de conteúdo do programa BemStar veiculado pelo Canal GNT de Televisão. Também delinea procedimentos de observação dos processos de interação do Fórum on-line do público do programa, no qual as pedagogias corporais ganham e produzem sentido.

Palavras-chave: Mídia. Práticas Corporais. Representação.

### ABSTRACT

This work discusses the representation of the physical practice related to the health and beauty in the media. It pursues to understand how the representative strategies produce a physical pedagogy and make the meaning of the body. It is about the process of transformation of the meaning of body all over the time, and the media is part of this process. There are the first procedures to analyse the program BemStar from the TV channel GNT. There are also procedures to observe the process of interacting of the forum online public, in which the physical pedagogies gain and make sense.

Key words: Media. Physical practices. Representation.

### RESUMEN

El presente trabajo discute las representaciones de las prácticas corporales relacionadas a la salud y a la belleza vehiculizadas por los medios de comunicación. Busca comprender cómo las estrategias representacionales operan en la producción de una pedagogía corporal y participan en la construcción de la significación del cuerpo. Aborda el proceso de transformación de las significaciones del cuerpo a lo largo de la historia, y la participación de los medios de comunicación en ese proceso. Esboza procedimientos iniciais de análisis de contenido del programa BemStar vehiculizado por el Canal GNT de Televisión. También delinea procedimientos de observación de los procesos de interacción del Forum online del público del programa, en el cual las pedagogías corporales ganan y producen sentido.

Palabras clave: Mídia. Práticas Corporales. Representaciones.

### 1 O CORPO E AS MÍDIAS: UMA RÁPIDA CONSIDERAÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se em dois argumentos: de acordo com o primeiro, não se pode deixar de considerar que o corpo, enquanto fenômeno social, revela normas, regras, costumes engendrados por uma determinada ordem social. Se

lhe atribuímos um lugar central no século XXI, historiadores nos mostram que isso não é novidade, que tal interesse está presente na antiguidade, e de forma paradoxal na Idade Média. Nesse sentido, o que nos convoca é a questão de como chegamos a lhe atribuir determinado significado, sendo este construído por meio de esquemas culturais historicamente determinados. Partilhamos uma certa significação de corpo belo, saudável, do prazer. Tornamo-nos responsáveis pela administração da boa forma, da saúde, da potência física e da juventude de nossos corpos. A sua manutenção passa a ser, portanto, obsessiva, levando-nos cada vez mais a consumir discursos informativos de descobertas científicas, e de cuidados de especialistas, pois o corpo não é mais assunto de leigos, e sim de especialistas, de modo a potencializar o estado do tão proclamado bem-estar. A complexificação dos regimes corporais obriga a busca crescente de conhecimentos, que dirigem os indivíduos de modo inapelável. Uma alimentação considerada saudável, atividades físicas e práticas transformadoras da aparência (cosméticas e cirúrgicas) aparecem como elementos configuradores da saúde e da beleza, que por sua vez conformam um regime corporal que é consagrado, quase que diariamente, nos espaços midiáticos.

De acordo com o segundo argumento que fundamenta este trabalho, se consideramos que as relações humanas são mediadas por uma tradição coletiva que opera como uma mediação simbólica (quando viemos ao mundo, encontramos um mundo de instituições), não podemos negligenciar o fato de que é a comunicação que permite a recepção desta tradição ou de uma cultura instituída.. Podemos, então, dizer que as dimensões simbólicas e imaginárias que configuram as relações humanas se sustentam na e pela comunicação, e nenhum fenômeno social pode ser compreendido fora de um determinado contexto comunicacional. Nas sociedades complexas não vivemos simplesmente a experiência da comunicação interpessoal, pois os meios de comunicação têm uma dimensão planetária jamais experimentada por outra cultura. As profusões de estudos sobre mídia<sup>1</sup> e, principalmente, nossas experiências cotidianas vêm confirmar que as mídias instituem novas formas de sociabilidade, potencializam a participação na vida pública e participam cada vez mais de nosso contexto íntimo. Experimentamos cada vez mais os acontecimentos sociais mediados pelas tecnologias de comunicação

## 2 AS MÍDIAS NA “CIVILIZAÇÃO” DO CORPO

A história nos mostra que o lugar central atribuído ao corpo neste século XXI não é novidade no Ocidente. Os registros históricos de seu culto na Grécia Antiga são um exemplo. As considerações de Foucault (1994), por exemplo, podem nos ajudar a

---

<sup>1</sup> Uso a palavra mídia no sentido compreendido por Lúcia Santaella: [...] a meu ver a palavra “mídia” foi se fixando cada vez mais em função do crescimento acelerado dos meios de comunicação que não podem mais ser considerados necessariamente como meios de comunicação de massa, pelo menos tal como o conceito de comunicação de massa esteve ligado até o início dos anos 80. [...] Mas foi com a emergência da comunicação planetária via redes de teleinformática que instalou definitivamente a crise nesse exclusivismo e, com ela a generalização do emprego da palavra mídia para se referir também a todos os processos de comunicação mediados por computador. A partir de tal generalização, os meios de comunicação chamados de massa também passaram a ser referidos através da rubrica de “mídias” até o ponto de qualquer meio de comunicação receber hoje a denominação genérica de “mídia” e o conjunto deles, de “mídias” [...] (SANTAELLA, 2002, P.45)

compreender a importância que os gregos atribuíam ao regime corporal. O autor define esta prática como uma categoria fundamental através da qual se pode pensar a conduta humana; e se caracterizaria pela maneira com que se conduz a própria existência, permitindo fixar um conjunto de regras para conduta: “[...] um modo de problematização do comportamento que se fez em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se” (FOUCAULT, 1994, P.93). No entanto, o regime físico não deve ser cultivado por si mesmo de modo demasiado intenso, pois pode ocorrer um exagero na importância que se lhe atribui e na autonomia que se lhe concede. Desenvolver o corpo e adormecer a alma era a grande preocupação dos gregos, preocupação que percorreu séculos e se encontra entre nós.

Já na Idade Média, segundo Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006) em Uma história do corpo na Idade Média, apesar de toda a ambigüidade que envolve a significação do corpo, adota-se um saber herdado da Antigüidade, que, segundo os autores, é reinterpretado pelo cristianismo em um sentido muito mais escatológico, orientando a vida do homem em direção à história da saúde. Nessa obra os autores respondem a seguinte questão:

Por que o corpo na Idade Média? Porque o corpo é o lugar crucial de uma das tensões geradoras da dinâmica do Ocidente. Naturalmente, o lugar central atribuído ao corpo não é novidade no ocidente: basta lembrar o culto de que ele foi objeto na Grécia Antiga, por exemplo, quando seu arrebatamento e sua estetização ultrapassaram amplamente a cultura do corpo praticada na Idade Média pelos cavaleiros nas guerras e nos torneios, ou pelos camponeses nos jogos rústicos. Mas, ainda que se assista na Idade Média a uma derrocada das práticas corporais, assim como à supressão ou ainda ao confinamento dos lugares do corpo da Antigüidade, o corpo se torna paradoxalmente o coração da sociedade medieval ( LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 31).

Essa derrocada das práticas corporais pode ser rememorada destacando-se os regimes corporais que regulamentavam as formas de relação com o corpo. Antes do século XII, por exemplo, os sofrimentos do corpo não eram objeto de grande preocupação, pelo menos como são em nossa época. A valorização do sofrimento (a origem da doença estava ligada ao pecado) naquele período produziu um ambiente pouco propício para a instituição de um modelo médico da doença. Já no séc. XVII, em um novo contexto ideológico, é possível que a medicina entre em um processo científico determinante para ao corpo, diluindo sua dimensão espiritual.

É fundamental sublinhar que um sistema de controle corporal e sexual se institui a partir do século XII, cabendo à mulher o tributo mais pesado. E é importante lembrar que, nas letras de Tomás de Aquino, as raízes ideológicas da inferioridade feminina de originais se tornam naturais e corporais. Nesse espírito monástico, a condenação dos excessos alimentares é traduzida na idéia de que “[...] pecados da carne e pecados da boca caminham de mãos dadas” (LE GOFF ;TRUONG, 2006, p.134)

Os autores acrescentam ainda que o corpo na Idade Média é uma fonte de debates, alguns dos quais ressurgem contemporaneamente:

Muito de nossas mentalidades e muito de nossos comportamentos foram concebidos na Idade Média. Isto é válido também para as atitudes em relação ao corpo, ainda que as duas reviravoltas principais tenham ocorrido no século XIX (com o surgimento do esporte) e no século XX (no domínio da sexualidade). É de fato na Idade Média que se instala esse elemento fundamental de nossa identidade coletiva que é o cristianismo, atormentado pela questão do corpo, ao mesmo tempo glorificado e reprimido, exaltado e rechaçado (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 29).

O exercício físico é um elemento que não pode deixar de ser considerado na instituição e ordenação dos regimes corporais na Idade Média. As atividades físicas tiveram grande importância neste período. Pode-se dizer— com o apoio de Norbert Elias, como nos lembram Le Goff e Truong (2006) — que elas chegaram mesmo a fazer parte do chamado “processo civilizador” (em Elias), apesar de que:

[...] nada de estádio, nada de circo na Idade Média. Nada de esporte, pois não existe lugar específico reservado a essas práticas. Campos, vilarejos, praças: são sempre espaços improvisados que servem de terreno para o desenrolar das fortes tensões e das excitações agradáveis do corpo, isto é, do corpo-a-corpo em público, para retomar o vocabulário de Norbert Elias (LE GOFF; TRUONG, 2006, P151).

Mesmo assim, os autores ressaltam que a civilização medieval concedeu bastante espaço ao “corpo em movimento”.

Culinária, beleza, gestos, amor, nudez, todos os domínios da vida social e privada que colocam em jogo o corpo vão ser inseridos em uma nova ideologia que triunfa na Europa. Mas trata-se de uma evolução de longa duração. O cristianismo instituído e a sociedade de corte nascente vão “civilizar o corpo” através da instituição de boas maneiras. “Manuais e receitas culinárias nascem entre os séculos XIII e XIV [...] Uma civilização do corpo instala-se com as artes da mesa e as boas maneiras” (LE GOFF ; TRUONG, 2006, P.138-139).

O processo civilizador, segundo Elias (1994), comporta uma dimensão que é necessariamente coletiva e social, mas também uma dimensão particular e individualizada, que remete para a compreensão dos processos de introjeção das demandas e pressões sociais e coletivas. Nesta medida o autor sugere-nos um duplo procedimento de análise para a compreensão deste processo civilizador: uma sociogênese e uma psicogênese, capazes de iluminar a construção social da civilização como uma forma específica e particular de configuração social, historicamente marcada. A civilização inscreve-se no campo das ações e decisões humanas, comportando um olhar sobre os indivíduos como construtores e construídos pela sociedade.

Em sua obra *O processo civilizador: uma história dos costumes* (1994), o autor reflete sobre como a sociedade de corte mantém nexos com a construção da civilidade e dos bons costumes, e com a construção dos hábitos higiênicos à mesa e nos salões. Essa civilidade inspirou diversos manuais de boas maneiras desde o século XVI. Ele mostra como no interior da corte do Antigo Regime se exercitavam as boas maneiras que

caracterizariam a sociedade burguesa do século XIX, civilização estruturada no controle do corpo e dos afetos. Também mostra como a importância de temas ligados ao comportamento aumenta a partir do século XVI. As pessoas são forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, e se tornam mais sensíveis às pressões das outras. Mudam a natureza e o mecanismo de controle, e a transformação estrutural da sociedade aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Do século XVI em diante, as injunções e proibições que moldam o indivíduo (em conformidade com o padrão observado na sociedade) estão em movimento ininterrupto. E mídias como poemas e tratados são instrumentos diretos de condicionamento ou de adaptação do indivíduo a esses modelos de comportamento.

É imprescindível lembrar que Elias insiste que a “compreensão racional” não é o que condiciona a “civilização” das formas de comportamento. Por exemplo, a mudança do comportamento à mesa, de que trata no processo civilizador, é para ele parte de uma transformação muito extensa por que passam sentimentos e atitudes humanas.

Mas, como opera a instituição de um padrão de comportamento? Para Elias o padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é reproduzido, mais ou menos suavemente, no seu íntimo, através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos conscientes. Neste sentido, a partir do século XVI, as mudanças de atitude em relação às funções corporais, ou razões higiênicas - um tema que nos interessa sobremaneira, e que foi tratado pelo autor, passam a desempenhar um papel importante nas idéias dos adultos sobre o que é civilizado. “As razões higiênicas e de ‘saúde’ recebem mais ênfase e se pretende obter um certo grau de controle dos impulsos e das emoções” (ELIAS, 1994, P.140).

O “processo civilizador” das funções corporais tem como alicerce o controle dos impulsos indissociável do controle da saúde. Entre os séculos XVI e XIX a repressão sobre o hábito de escarrar e o uso do lenço, só para ilustrar, emergem como elementos de conquista da saúde, e esta, por sua vez, se institui como instrumento de condicionamento a uma determinada ordem. Mas a compreensão racional dos perigos à saúde só vai ser alcançada bem mais tarde, quando as pessoas passam a ter idéia clara e conhecimentos sobre a transmissão das doenças. Até então os maus efeitos sobre a saúde, o nojo da expectoração e os tabus que a cercam, por exemplo, vão estar ancorados muito mais sobre a transformação das relações humanas a dependência entre as pessoas, e sobre o controle das emoções.

Desde o fim do século XIX até contemporaneamente compartilhamos um discurso de apologia ao corpo, glorificado em sua força e beleza. Nas últimas décadas do século XIX a imprensa feminina torna-se uma imprensa de grande difusão, mas é sobretudo a partir da década de 1930 que ela exalta o uso dos produtos cosméticos, e encoraja as mulheres de qualquer condição a realçar por todos os meios possíveis a beleza do rosto e do corpo: “[...] a imprensa feminina se impôs como agente de democratização do papel estético da mulher, como uma das grandes instituidoras da beleza feminina moderna, ao lado das estrelas do cinema” (LIPOVETSKY, 2000, P.157). Multiplicam-se as obras e guias de beleza dedicadas a legitimar as práticas transformadoras da aparência. Reforça-se a idéia de que o físico é perfectível, de que é possível vencer as insuficiências estéticas desde que se ponha nisso um empenho decidido, pois a beleza já não é mais um privilégio da natureza reservado a um pequeno número de mulheres bem-nascidas, mas um trabalho de auto-apropriação e de autocriação, uma conquista individual que se oferece aos méritos e aos talentos de todas as mulheres. Ao longo do século XX, a imprensa feminina adquiriu um imenso poder de

influência sobre as mulheres na medida em que se esforçou em aumentar o poder das mulheres sobre sua própria aparência.

De todos os lados jorram críticas contra a tiranização da mídia como meio de propagação social das normas do corpo esbelto e da eterna juventude. No entanto, para Liovetsky, (2000) a mídia, e de forma mais específica, a imprensa feminina, representariam muito mais um pluralismo estético do que a erradicação das diferenças e a homogeneização da beleza. Antes de tudo, sua influência se exerceria apenas com base numa demanda feminina de beleza que as mídias, evidentemente, não criaram. O autor não nega o poder de conformação estética da mídia feminina, mas lembra que as leitoras de revistas não se assemelham sistematicamente a seres passivos, conformistas e desvalorizados na imagem que têm de si pelo brilho das fotografias de moda. Estas funcionam também como sugestões positivas, fontes de idéias que permitem mudar o *look*, valorizar-se, tirar melhor partido de seus trunfos.

Evidentemente, as mulheres imitam modelos, mas cada vez mais, apenas aqueles que consideram passíveis de apropriação, e de acordo com sua auto-imagem consumidora de imagens, nem por isso as mulheres são menos *protagonistas*, fazendo um uso pessoal e “criativo” dos modelos propostos em grande número. Para o autor devemos evitar diabolizar a mídia feminina. É preciso interpretar sua ação ao mesmo tempo como um meio de direção coletiva dos gostos e como um vetor de personalização e de apropriação estética de si. (LIPOVETSKY, 2000, p.168).

Ao mesmo tempo o autor destaca que não se trata de deixar de considerar as atribuições da mídia na propagação de uma certa maneira de fazer, um modo de se comportar em função de sua força e vigência na cultura ocidental como um todo. Lembra sua presença no processo de instauração e solidificação do regime capitalista das sociedades modernas, bem como na cultura contemporânea.

Sugiro aqui uma passagem da obra de Marcel Mauss<sup>2</sup> em que ele já chamava atenção para o papel da mídia na configuração do hábito corporal por meio da imitação, quando notou que na França “[...] os modos de andar americanos, graças ao cinema, começam a se disseminar entre nós” (MAUSS, 2003, p. 404).

Também Giddens (1993) ao tratar dos processos de transformação da intimidade que ocorre entre os séculos XVII e XX, mostra como os ideais de Amor Romântico<sup>3</sup>, que influenciou principalmente os grupos burgueses, tiveram grande alcance na ordem social com a sua difusão através dos romances, que foram a primeira forma de literatura a alcançar uma população de massa. Em outro momento Giddens (2002) sugere que as mulheres, ao assistirem à televisão, e lerem entram em contato e ativamente procuram numerosas discussões sobre sexo, relacionamento e influências, que afetam suas posições na década de 80 do século XX, em uma sociedade altamente reflexiva.

---

<sup>2</sup> Ver mais sobre a relação práticas corporais e imitação em MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

<sup>3</sup> O Amor romântico pressupõe a possibilidade de se estabelecer um vínculo emocional durável com o outro, tendo como base as qualidades intrínsecas desse próprio vínculo. É o precursor do relacionamento puro, embora também permaneça em tensão em relação a ele O amor romântico, que floresce no final do século XVIII e chega até o século XX, coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém-descoberta. Os ideais de Amor Romântico inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre liberdade e auto-realização. A idéia do “romance”, no sentido que o termo veio a assumir no século XIX, tanto expressou, como contribuiu para as mudanças seculares, afetando a vida social como um todo.

Thompson (1999) nos mostra como o processo de produção, transmissão e recepção de conteúdos simbólicos na forma de mídia impressa - por exemplo, a impressão e difusão da bíblia, dos romances e a produção de notícias - participou da formação da sociedade do século XVI ao séc. XIX. O autor ainda traz para o campo da comunicação de massa uma reflexão sobre como o desenvolvimento das tecnologias da comunicação trouxe mudanças nos modelos de significação compartilhados no período da modernidade. Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, o uso dos meios técnicos também alterou as condições de espaço e de tempo e tornou os indivíduos capazes de agir e interagir a distância. Os meios de comunicação criaram novas formas de interação, novos tipos de visibilidade e novas redes de difusão no mundo moderno. Como reconhece Giddens (2002, p. 157) “[...] pela linguagem e imagem da mídia, os indivíduos também têm acesso a experiências que, em diversidade e distância, vão muito além do que poderiam ir na ausência dessas mediações”. Max Weber (2001)<sup>4</sup> muito bem demonstrou como determinadas significações e atribuição de valores foram definidoras de organizações sociais. Essa idéia de Weber pode nos inspirar a pensar como uma sociedade midiática faz circular e evidenciar certas significações que vão formar o espírito do tempo em questão. Neste sentido, a ação das mídias não deve ser negligenciada na compreensão dos fenômenos que ganham determinados significados a partir das interações humanas que se fazem principalmente através delas.

### 3 O CORPO NAS TELAS: A TELEVISÃO E A INTERNET

É inegável que a televisão, enquanto meio de comunicação de massa, abarca e disponibiliza uma imensa extensão de formas simbólicas no tempo-espaço. Ela permite que informações sejam colocadas à disposição de um número incalculável de indivíduos em espaços cada vez mais amplos e em velocidade sempre maior. Podemos falar de circulação pública das formas simbólicas, pois os produtos da mídia têm um caráter público, em especial os que são veiculados pela televisão.

Para Arlindo Machado (2001) E o que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas o fato de que estes estão disponíveis, em princípio, para uma grande pluralidade de destinatários. E nisso a TV tem um papel poderoso. Ainda Castells lembra como a mídia, não só a televisão, é uma “presença de fundo” no nosso cotidiano:

[...] ser espectador /ouvinte da mídia absolutamente não constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. Vivemos com a mídia e pela mídia. McLuhan utilizou a expressão da mídia tecnológica como produtos básicos

---

<sup>4</sup> Quando Weber analisa, em a *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (2001), como diferentes atitudes religiosas influenciaram as ações dos homens sobre sua conduta econômica, ele se interessa em compreender a determinação precisa da religião numa determinada sociedade e a determinação da hierarquia dos valores adotados por uma época ou uma comunidade. O autor salienta que a razão de uma tendência específica para o racionalismo econômico observada entre os protestantes, e que não pode ser observada nos católicos, deve ser procurada no caráter intrínseco permanente de suas crenças religiosas. Essa colocação aponta para a evidenciação das significações culturais que vai percorrer toda essa obra de Weber.

ou recursos naturais. Em vez disso, a mídia em especial o rádio e a televisão, tornou-se o ambiente audiovisual com o qual interagimos constante e automaticamente (CASTELLS, 1999, p.358).

Compartilho com Machado (2001, p.11) a idéia de abordar a televisão “[...] como um dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os vãos de sua imaginação”.

Neste contexto proponho uma análise do programa *Bem Star* veiculado pelo Canal GNT de Televisão. Parto do pressuposto de que esse programa, pelas características de seu formato e conteúdo, constitui-se em verdadeiro manual eletrônico de conduta corporal. É, portanto, espaço privilegiado para se observar como as estratégias representacionais ali presentes operam na produção de uma pedagogia corporal, e participam na construção da significação do corpo.

*Bem Star* é um programa de televisão veiculado pelo canal fechado (GNT), e transmitido semanalmente. Tem como apresentador o professor de Educação Física Márcio Atalla. Este professor transita por várias mídias, e é ele mesmo quem fala desse trânsito, em sua coluna na revista *Época*: “No início era o portal [www.bemstar.com.br](http://www.bemstar.com.br), que deu origem a um programa de TV semanal. Com o sucesso do programa, lançamos o primeiro livro, *Segredos do GNT para o Seu BemStar*, publicado pela Editora Globo em parceria com o canal de TV. Agora, um novo caminho tem início com a coluna *Nosso Bem-Estar*, em *ÉPOCA*.” (ATALLA, 2008). Tem também o site do programa *BemStar* onde ficam disponíveis informações do programa como a matéria que irá ao ar naquele dia, as dicas da semana, as “receitas saudáveis”, vídeos. Os internautas também podem fazer uma avaliação física virtual. Um outro espaço de interação é o *Blog* do apresentador em que ele explora situações apresentadas no programa de TV

O programa aparece assim definido:

O "Bem Star" é um programa para quem tem a saúde como lema. Dicas de atividades físicas, alimentação e entrevistas sobre hábitos de vida saudáveis estão no cardápio da atração. Márcio tem a companhia de um time de especialistas em saúde - os nutricionistas Malu Bastos e Lancha Jr. A partir de uma análise dos objetivos para atingir um melhor condicionamento físico ou mesmo perder peso, o time de especialistas entra em campo para mostrar quais os hábitos do dia-a-dia que contribuem - e os que atrapalham - o alcance das metas. Quadros como *O que tem pra comer?*, que ensina a comer com mais consciência e saúde, e o *Troca-troca de alimentos*, que ensina como reduzir calorias do prato ao substituir ingredientes, fazem parte do cardápio

Além da análise do programa, pretendo observar o Fórum, que pode ser acessado no site do programa, que é um espaço para conversação *on-line*. Depois de se cadastrar, o usuário participa de uma lista de discussão sobre os temas do programa, e troca experiências relacionadas às práticas corporais que envolvem saúde e beleza.

Até o momento foram delineados alguns procedimentos de análise de conteúdo do programa, com base na identificação de três práticas que conformam o regime

corporal (do bem-estar) ali explorados: exercícios físicos, alimentação e práticas transformadoras da aparência (cosméticas e cirúrgicas).

Em relação ao programa o objetivo é: identificar, destacar e analisar as condutas relativas à alimentação, aos exercícios físicos, às práticas transformadoras da aparência que definem uma pedagogia das práticas corporais. Descrever os elementos imagéticos, textuais, sonoros e discursivos que compõe as estratégias representacionais que configuram essa pedagogia.

No que diz respeito ao Fórum disponibilizado no site do programa, a intenção é acessar os discursos do público, e sua percepção sobre o corpo. Buscar dar conta, através da fala dos receptores que participam do Fórum, de como os temas tratados no programa aparecem nas suas experiências do corpo. Consideramos que o acesso a tal processo pode se dar com base, fundamentalmente, nas interações nas quais os produtos de comunicação ganham e produzem significação. Não pretendo investigar os modos de apreensão do programa por parte dos seus “receptores”, nem medir os efeitos que se depreendem do consumo do produto. O esforço está direcionado à compreensão dos mecanismos através dos quais o programa faz sentido e participa na construção da significação do corpo. Buscarei observar comportamentos relacionados a um produto específico. De acordo com José Luiz Braga a flexibilização da rede informatizada mundial faz da internet a mídia de escolha para os dispositivos sociais de fala sobre a mídia. “Como a rede se desenvolve em sociedade já largamente midiaticizada, outros processos e produtos midiáticos se tornam facilmente matéria-prima para as interações aí desenvolvidas” (BRAGA, 2006, p.41).

Gostaria ainda de evidenciar, fazendo referência à Fausto Neto (1999), que as mídias, pela sua ação cotidiana e ritualística, não só anunciam a noção de realidade, mas se convertem em lugar pelo qual a realidade não só passa, mas também nela se faz. Para finalizar ressalto que a reflexão sobre o tema aqui proposto é inicial, e pretende compartilhar com o campo da Educação Física o esforço de buscar superar uma visão dicotômica de “mídia” e “sociedade”. E como desdobramento desta questão, uma outra, que é pensar o corpo como uma construção social, e as mídias (dispositivos que tornamos fundamentais no mundo social), como um dos elementos nesse processo.

## REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. O Uso dos prazeres História das sexualidades. Vol.2. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GIDDENS, Antony. Modernidade e identidade. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002

\_\_\_\_\_. A transformação da intimidade: sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LE GOLF Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma história do corpo na Idade Média. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 200.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. Editora SENAC: São Paulo, 2001.

MANUEL, Castells. A sociedade em rede (A era da informação economia, sociedade e cultura)v1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NETO, Antônio Fausto, PINTO, Milton José (Orgs.). O indivíduo e as mídias. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. P 30-46.

NETO, Antônio Fausto. Comunicação e mídia impressa: Estudo sobre Aids. Coleção Comunicação. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. A crítica das mídias na entrada do século XXI. In: PRADO, José Luiz (Org.). Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker, 2002.

THOMPSON, John. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2001.